



A política como (mais um) critério para o estabelecimento de experiências afetivos-sexuais mediadas pelo aplicativo Tinder

Aristides Ariel Bernardo¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados iniciais de uma pesquisa ainda em andamento. Para tal, realizamos a coleta e mapeamento de perfis habituais de usuá(r)ios(as) do aplicativo *Tinder* em João Pessoa, dos quais 381 usuá(r)ios(as) observados(as) apresentaram alguma mensagem, frase, slogan, crítica ou apoio, tanto a figuras políticas em voga no cenário sócio-político brasileiro dos últimos anos, quanto interesse ou recusa por outros(as) usuá(r)ios(as) pró ou contra esses mesmos posicionamentos ideológicos dos quais partilham. Nesse sentido, elaboramos a hipótese de que os espaços dos afetos e os discursos afetivos desses(as) usuá(r)ios(as) estão intimamente ligados com o contexto político-ideológico polarizado de direita *versus* esquerda no Brasil.

Palavras-Chave: Redes sociais digitais. *Tinder*. Polarização política. Afetividade. Experiências afetivo-sexuais.

Politics as (one more) criterion for the establishment of affective-sexual experiences mediated by the Tinder application

Abstract: This work aims to present the initial results of a research, still in progress. To this end, we conducted the collection and mapping of the usual user profiles of the *Tinder* application in João Pessoa, of which 381 observed users presented a message, phrase, slogan, criticism or support, both to political figures in vogue in the Brazilian socio-political scenario of recent years, regarding interest or refusal by other users for or against those same ideological positions that they share. In this sense, we elaborate the

¹ Graduado no curso de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí (UFMS-CPNV em 2016), tendo sido bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-CAPES de 2012 a 2016). Graduação interrompida no curso de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba, campus de João Pessoa (UFPB I de 2016 à 2018). Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, campus de João Pessoa (PPGS-UFPB de 2019 à 2021). Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7340-9243>. E-mail: arystydesaryelbernardo@gmail.com.



hypothesis that the spaces of affections and affective discourses of these users are closely linked to the polarized political-ideological context of right versus left in Brazil.

Keywords: Digital social networks. Tinder. Political polarization. Affectivity. Affective-sexual experiences.

1. Introdução

Transformações vêm ocorrendo durante séculos nos relacionamentos e adentraram também o século XXI, constituindo-se a partir de mudanças sociais e culturais que geraram novos tipos de relações, inclusive relacionamentos amorosos. Não seria diferente, portanto, considerar que as novas tecnologias, o acesso à Internet, às mídias e redes sociais digitais etc. também vêm contribuindo de alguma forma para (re)estruturar a forma como estabelecemos vínculos com outras pessoas na busca por experiências afetivo-sexuais (BELELI, 2017; MISKOLCI, 2014; 2016).

Desta feita, como parte da pesquisa de dissertação de mestrado (BERNARDO, 2021) para o curso de Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, realizamos a coleta e o mapeamento de perfis habituais de usuários(as) do aplicativo *Tinder* na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba.

Tinder é um aplicativo para celulares *smartphones* voltado para conhecer pessoas. É utilizado usualmente para estabelecer novas amizades e encontrar parceiros(as) sexuais e amorosos(as), o que Cavalcanti (2017) chamou em sua pesquisa sobre o *Tinder* de “*trocias previsíveis*”, que seriam aquelas propostas pelos termos de uso do próprio aplicativo. No entanto, a autora pôde identificar que seu uso também se estendia a outros tipos de trocas, como a venda de produtos e serviços de beleza, comércio de eletrônicos, oferta de massagem tântrica e prostituição (CAVALCANTI, 2017). O aplicativo pode ser instalado gratuitamente em *smartphones*, e a sua utilização é simples. Baseado em geolocalização, o aplicativo mostra usuários(as) próximos uns aos outros, dando a opção de “*curtir*” ou “*passar*” aqueles(as) apresentados(as). Caso você “*curta*” alguém e seja correspondido com uma “*curtida*” dessa mesma pessoa, vocês têm um “*match*”, ou seja, uma combinação, a partir daí, poderão conversar.

Com a coleta de 1219 perfis de usuários(as) do aplicativo, realizada no período de abril a dezembro de 2019, buscamos elaborar categorias explicativas derivadas das recorrências discursivas encontradas nos perfis. Foram observados padrões que girassem em torno das características fornecidas pelos(as) usuários(as) como estratégias de apresentação de si (fotos, descrições etc.), averiguação dos interesses e motivações, as possibilidades diversas de uso e os critérios para a seleção do outro no aplicativo, na tentativa de alcançar as experiências afetivo-sexuais que buscavam.



Dentro do aplicativo, foram identificados(as) aqueles(as) que o utilizam para as mais diversas finalidades, que vão desde a venda de bens e serviços como bazares, brechós, salões de beleza, massagens e prostituição, passando pela busca explícita de relações sexuais casuais, até mesmo a busca por amizades que possam afastar o tédio por meio de uma boa conversa ou encontrar um relacionamento amoroso e duradouro. Outro ponto significativo identificado nos perfis analisados gira em torno das formas de apresentação de si, que em muito extrapolaram elementos como características físicas. Embora a aparência ainda seja primada no aplicativo, principalmente pelo formato que prioriza fotos, outros atributos como os religiosos, morais e políticos foram alguns dos pontos observados que podem ser levados em consideração na escolha do outro para além da aparência.

Algumas pessoas apresentaram matriz religiosa em suas descrições de perfil, ao menos aqui, restritos a católicos e evangélicos. Não fica explícito nas descrições que estão em busca de parceiros(as) que também sejam cristãos, mas é possível inferir que esse elemento pode ser levado em consideração tanto ao curtir o perfil de alguém quanto ao ser ou não curtido de volta. A recusa por pessoas que bebam ou fumem também se destaca de um lado, ao passo que outras pessoas também afirmaram que desejam ser convidadas para barzinhos para beber ou mesmo para o consumo de maconha. Valores morais e políticos apareceram em perfis de mulheres que se apresentam como feministas e que afirmam não desejar uma interação com “*caras abusivos*”, que tenham “papo abusivo”, que sejam machistas, homofóbicos ou preconceituosos de qualquer maneira. Outras mulheres apresentam pautas feministas em suas descrições, como a luta contra o machismo, misoginia, feminicídio etc. ao afirmarem, por exemplo, serem “*esquerdista, anti-machismo, anti-racismo, anti-homofobia*”, além, é claro, de homens e mulheres que apresentam recusa por usuários(as) eleitores(as) de um posicionamento político, partidário e ideológico distinto.

Apesar das várias categorias criadas com o que fora observado nos dados coletados para essa investigação, nos deteremos sobre a discussão de uma em particular. Com a coleta dos perfis de usuários(as) do aplicativo na cidade de João Pessoa - PB e a percepção de certos padrões discursivos encontrados nos perfis coletados, os que mais se destacaram foram aqueles que englobam discursos políticos nas fotos ou descrições de perfil. Do total de perfis coletados, 381 usuários(as) observados(as) apresentaram alguma mensagem, frase, slogan, crítica ou apoio tanto a figuras políticas em voga no cenário sócio-político brasileiro dos últimos anos, quanto interesse ou recusa por outros(as) usuários(as) pró ou contra essas figuras políticas e esses mesmos posicionamentos ideológicos apresentados.

Apesar de o aplicativo não dar muito espaço e não ter sido criado com o propósito de uma discussão intensificada sobre gênero, religião, política e outros, é possível notar as estratégias de usuários(as) que parecem sentir a necessidade de apresentar tais características e valores como forma de



apresentação de si ou como critérios para seleção do outro. Apoiado nessa grande quantidade de usuários(as) que apresentam tais recorrências discursivas sobre política nos perfis do *Tinder*, entendemos que esse posicionamento político no aplicativo é resultado do cenário de grande polarização político-ideológico pelo qual passamos nos últimos anos.

Com base no mapeamento dos perfis com discursos políticos, temos como objetivo demonstrar que o fenômeno político aparenta ter se tornado um critério relevante, dentre outros, para o estabelecimento de vínculos afetivos e relações sexuais entre pessoas que buscam tais experiências com a mediação do *Tinder*. Defenderemos, assim, a hipótese de que esse fenômeno decorre do cenário de grande polarização político-ideológico pelo qual passamos nos últimos anos, e mais, que os espaços dos afetos e os discursos afetivos desses(as) usuários(as) estão intimamente ligados a esse contexto político-ideológico brasileiro.

Para tanto, abordaremos alguns aspectos significativos do cenário sócio-político brasileiro dos últimos anos, a partir dos perfis coletados no *Tinder* e que nos permitiram chegar a tais resultados. Trataremos não somente o exposto nos perfis daquele(a)s que tomaram para si o elemento “posicionamento político” como critério de seleção do outro, mas também fragmentos relevantes do contexto histórico brasileiro que conduziu ou enfeixou o imaginário desses(as) usuários(as) a assumir tais critérios na busca e vivência de experiências afetivo-sexuais mediadas pelo *Tinder*.

2. "Oi, votou em quem?": desconfiança, medo, ódio e a ascensão do conservadorismo

Como resultado das mobilizações e manifestações que ficaram conhecidas como “Jornadas de Junho” (ALONSO, 2017; FIRMINO, 2016; SOUZA; MORALES, 2016; SOUSA; SOUZA, 2013), iniciaram-se manifestações que se espalharam para centenas de cidades brasileiras. Isso proporcionou uma grande dispersão e profusão de pautas reivindicativas, gerando uma ampla fragmentação dos movimentos que se voltavam não só contra o governo federal, mas também contra os governos estaduais e municipais. As manifestações se estenderam até os anos seguintes, com defesas e pautas que variavam desde a crítica generalizada à corrupção, ao sistema político brasileiro, à falta de representatividade das instituições políticas, à falta de segurança pública, bem como ao elevado investimento na Copa das Confederações de 2013, na Copa do mundo de 2014 e nas Olimpíadas de 2016, em contrapartida ao descaso com a saúde e educação, chegando a protestos contra o Governo Federal, ao Partido dos Trabalhadores (PT) e a pressão para a renúncia ou impeachment da então presidenta Dilma Rousseff do PT (ALONSO, 2017; FIRMINO 2016; SOUZA; MORALES, 2016; SOUSA; SOUZA, 2013).



Segundo o estudo realizado por Rocha (2019), a formação do que ela chama de “contra público ultraliberal”, no Brasil, esteve fortemente ligada à ascensão da Internet e de plataformas digitais por meio de fóruns, blogs e redes sociais digitais como o *Orkut*². No início dos anos 2000, um grupo reduzido de pessoas, em sua maioria jovens universitários e profissionais liberais, possuíam acesso à rede. Mas, segundo a autora, é a partir de 2004 que a presença virtual desses grupos se torna maior, devido à criação e popularização do *Orkut* no país e às condições econômicas dos membros dessas classes, os quais tinham computador com acesso à Internet ou freqüentavam *lan houses*. Profissionais liberais entusiastas e jovens universitários que tiveram um primeiro contato com o liberalismo econômico em seus cursos teriam passado a frequentar comunidades no *Orkut* para discutir e trocar conteúdos sobre os materiais que tratavam do tema.

Por volta de 2010, teria havido um grande crescimento no número de organizações de cunho liberal, que não só ganhou um público maior nas redes como conseguiu visibilidade midiática devido ao engajamento de intelectuais de direita na disseminação de ideais conservadores e liberais, os quais se reuniam cada vez mais em torno de uma identidade comum (ROCHA, 2019). Tais movimentos ganharam força como consequência de crises econômicas e políticas, principalmente com o governo Dilma, devido ao “contexto político específico, marcado pela crise do governo encabeçado pelo Partido dos Trabalhadores [...], uma situação de estagnação e crise econômica” (FIRMINO, 2016, p. 7). Entre 2011 a 2013, os governos da época tiveram que enfrentar situações de crise nos planos ambiental e social, o país apresentou uma queda nos indicadores econômicos levando a um crescimento pífio do PIB, assim como um maior endividamento da população por políticas de crédito e financiamento e greves em vários setores (SILVA JÚNIOR, 2013).

Foi justamente em meio às revoltas de junho de 2013 que surgiu a ideia de reunir a militância liberal em um movimento mais amplo, que não se restringisse às limitações existentes pelas organizações criadas até então – o qual recebeu o nome de Movimento Brasil Livre (MBL). (ROCHA, 2019, p. 22).

Para Dias (2006), sequências de instabilidades sociais como a diminuição do poder de compra, os problemas nos sistemas políticos, educacionais e de saúde, o desemprego, a corrupção, dentre muitos outros, levariam à falta de perspectiva quanto ao futuro. Isso se mostra flagrante no sentimento generalizado de desconfiança, desesperança e insegurança. Esse conjunto de sentimentos, por sua vez, resultaria no que o autor designa de *medo social*, originado das relações que temos, cotidianamente, uns com os outros. Nesse sentido, queremos tratar que as várias crises enfrentadas pelos governos petistas, os escândalos de corrupção e o ganho de – pouco – poder

² *Orkut* foi um site de relacionamentos e rede social criado em 2004 e desativado em 2014.



aquisitivo das camadas mais pobres teriam despertado esses sentimentos de desconfiança, desesperança e insegurança em camadas médias, conservadoras e liberais brasileiras, proporcionando esse medo social. Para Elias (1993), o medo vem sendo utilizado como forma de manutenção e reprodução das estruturas sociais na modernidade, passadas de geração para geração. Em nossa sociedade, esses medos seriam representados pelo medo de reprovação social, de perder o emprego, da perda de poder e status sociais, entre outros (REZENDE; COELHO, 2010).

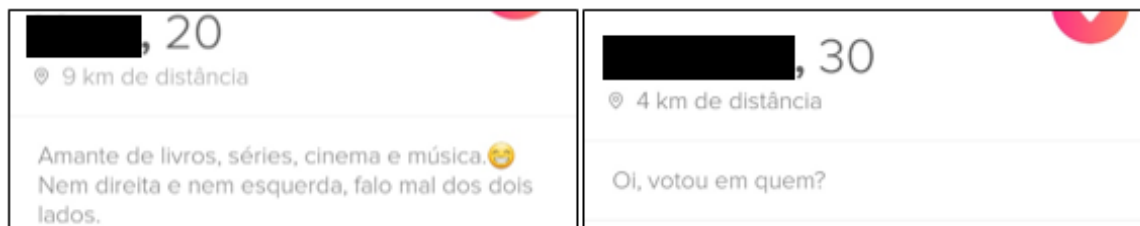
Aos poucos, a desconfiança em torno do Partido dos Trabalhadores teria se transformado nesses medos que, por sua vez, começaram a ser utilizados diretamente como forma de controle social e político. Medo de que o país fosse dominado pelas esquerdas, medo de uma ameaça comunista, medo de que o Brasil entrasse em um estado de pobreza, medo da ruptura dos “valores tradicionais brasileiros” e, acima de tudo, medo do outro, a quem se atribui a responsabilidade de todo o mal acometido, da violência, do fracasso e da corrupção são alguns dos exemplos largamente professados nos últimos anos. Para Dias, “o medo social faz-nos ver em cada desconhecido, e às vezes também nos conhecidos, um potencial inimigo a evitar ou a abater” (DIAS, 2006, p. 297). O medo social seria, assim, uma emoção difusa presente em um conjunto mais ou menos vasto da sociedade e que pode ter, nesses termos, causas ou alvos reais ou imaginários tanto do passado quanto do futuro, cuja experiência de temor se dá no presente.

Esse medo social, por sua vez, teria levado a um caminho de ódio direcionado ao outro como forma de ação social ou resposta contra o outro, construído, principalmente, em torno de discursos maniqueístas de nós contra eles, de bem contra o mal, de direita contra esquerda, conservadores contra progressistas. Aos poucos, esse ódio das elites e de setores médios conservadores e/ou liberais direcionados ao PT e aos seus dois últimos ex-presidentes foi dotado de uma falsa moralidade anticorrupção conservadora e cristã. Com isso, os espectros políticos de posições libertárias, progressistas e de esquerda como um todo, de forma vaga e generalizante associadas ao PT e também, de forma equivocadamente proposital, ao comunismo, foram sendo desenhados como “grandes organizações detentoras do mal e da corrupção que destruiu o país”. Essa percepção de um novo inimigo a ser combatido ampliou a polarização política no país, permitindo que o sentimento de desconfiança, medo, ódio e aversão tomasse conta também do imaginário e do repertório emocional coletivo de outras classes sociais menos abastadas.

As duas imagens abaixo representam significativamente a discussão que pretendemos iniciar aqui. Não pelo que os dois usuários expressam de forma literal nas frases elaboradas para as suas descrições de perfis, e sim pela carga simbólica que carregam em sua capacidade de expressar, até certo ponto, o contexto político brasileiro dos últimos anos e como este tem sido considerado fator relevante nas escolhas das relações interpessoais.



Figura 1- Importância do voto político entre usuários do *Tinder*



Fonte: Tinder - Compilação do autor (2020)

A primeira descrição de perfil diz respeito ao processo de enquadramento polarizado do debate político no Brasil. Nos últimos anos, como veremos a seguir, enfrentamos um cenário sócio-político em que o debate fora reduzido ao pertencimento a dois lados no espectro ideológico, político e partidário, qual seja, ser de “esquerda/progressista/petista” ou ser de “direita/conservador/bolsonarista”. Embora o usuário se coloque contrário à uma dicotomização aparente entre “esquerda-direita”, afirmando falar mal de ambas - justificando-se, de certo modo, quanto a um posicionamento que não busca lados, verdades ou posições definitivas -, ao mesmo tempo sintetiza o reducionismo discursivo e polarizado a partir da premissa de existência desses dois lados antagonizados.

A segunda imagem diz respeito à importância que se atribui a saber com qual dos “dois lados” do par antagonizado de posições político-ideológicas o outro se identifica. Cavalcante dos Santos (2018), ao realizar entrevistas para a sua dissertação, no período entre abril e outubro de 2016 e fevereiro e julho de 2017, captou no discurso de uma de suas interlocutoras um primeiro indício de que o posicionamento político, ao menos para esta interlocutora, seria mais um entre vários critérios para seleção do outro no *Tinder*. No caso em questão, a autora discute que a fisionomia aparece como elemento primário destacado pelos entrevistados como critério de observação, principalmente pelo formato do próprio aplicativo, que privilegiaria o visual por meio das fotos. A autora segue com um trecho da fala de sua entrevistada, que aponta alguns dos elementos observados no momento da escolha, como a própria fisionomia, interesses em comum, estilo das fotos e o próprio “posicionamento político”. Em um segundo momento de seu trabalho, Cavalcante dos Santos (2018) apresenta a reprodução de outro interlocutor que elenca uma longa lista de características que o levaria à recusa de um perfil. Dentre os muitos elementos apontados por seu interlocutor está o fato de a pessoa observada ser ou não apoiadora de Jair Bolsonaro. Com isso, além de critérios corriqueiros como aparência (ainda fator primário), o espectro ideológico e o voto em tal ou qual candidato à presidência se destacam por terem se tornado fatores de relevância na escolha do outro.

No entanto, parece ser a partir das eleições de 2018 que este fenômeno



se acentua, no qual as disputas eleitorais para presidência forjaram novos embates entre os espectros políticos da direita, conservadores e liberais e dos espectros políticos à esquerda, libertários e progressistas, em torno, principalmente, de disputas pelo controle das narrativas políticas de um lado e de ataques e difamação do outro (ALMEIDA, 2018). As redes sociais se tornaram o grande eixo em torno do qual essas discussões giraram (RUEDIGER; GRASSI, 2018), e que culminaram com a vitória, em segundo turno, de Jair Bolsonaro pelo Partido Social Liberal (PSL) contra Fernando Haddad, candidato pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

A Internet, em especial as redes sociais digitais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*³ foram de grande importância para a visibilidade e o contato do então candidato Jair Bolsonaro com o público. Por meio dessas plataformas digitais, o presidencialista realizava, e continua realizando até hoje, as chamadas *lives* de Internet. Também foi amplamente utilizada a conta do candidato no *Twitter* para compartilhar informações e desinformações com críticas e ataques a opositores políticos. O mesmo continua se valendo da plataforma após as eleições para noticiar, em primeira mão, escolhas e demissões de Ministros para compor ou deixar o Congresso Nacional, divulgar projetos e ações, e claro, continuar com a disseminação de discursos de ódio e polarização por meio de textos inflamatórios e desinformação, bem como ataques a opositores políticos e instituições democráticas que acredita serem contrários às suas medidas e/ou pensamento ideológico.

Em um contexto de predomínio das mídias e redes sociais digitais, os próprios algoritmos de distribuição de conteúdo e propagandas com base nos gostos e buscas do usuário têm contribuído para a criação cada vez mais segmentada de “espaços de afinidade” (LANKSHEAR, *et. al.*, 2015) que, por sua vez, podem levar ao isolamento em bolhas ideológicas em torno de narrativas de mitos políticos, teorias conspiratórias e desinformação (LLORENTE, 2017; KAKUTANI, 2018). Essas bolhas de Internet levam as pessoas a terem contato apenas com o conteúdo de ideias que já partilhavam ou passaram a partilhar, proporcionando um fechamento do conhecimento em torno daquela crença, opinião, sentimento, identidade, conhecimento e “ideologia”.

Em outras palavras, quanto mais buscamos por conteúdos que criticam ou fazem vexatórias contra o PT ou Bolsonaro, por exemplo, mais daquele tipo de conteúdo passamos a receber das plataformas que utilizamos, encaminhando o indivíduo para conteúdos cada vez mais radicalizados. Quanto mais você se aproxima de uma ideia na Internet, mais contato com

³ Facebook é uma plataforma e rede social digital lançada em 2004, operado e de propriedade da Facebook Inc. Os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocam mensagens privadas e públicas e outros conteúdos audiovisuais. Criado em 2010 e comprado pelo Facebook em 2012, o Instagram é uma plataforma e rede social digital de compartilhamento de fotos e vídeos entre os usuários, permitindo a aplicação de filtros digitais e o compartilhamento de uma variedade de serviços de redes sociais, além de permitir a troca de mensagens privadas e públicas entre os usuários. Criado em março de 2006, o Twitter é uma rede social para microblogging que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos por meio de mensagens curtas de texto, imagens e vídeos.



aquela ideia a própria plataforma começa a te fornecer, te “prendendo” nessas bolhas sociais e ideológicas que te fornecem aquele tipo de material até a exaustão. Com a simplicidade de organização de comunidades digitais é ainda mais fácil se fechar em torno de grupos que partilham e radicalizam um imaginário político ao máximo, dando voz e espaço para radicais, os quais, em muitos casos, não possuíam visibilidade na sociedade civil, na imprensa, na política ou na ciência.

Nos últimos anos, esse fechamento ideológico vem acontecendo cada vez mais, conforme a maior disseminação de acesso a aparelhos digitais, Internet e plataformas de mídias sociais. No Brasil, é possível destacar essa presença de grupos sociais *off-line* e *on-line* já nas manifestações de 2013, os quais foram ganhando contornos, força e aderência com o passar do tempo e com o acirramento dos ânimos políticos, do ódio contra o PT e os “comunistas” de um lado, e dos golpistas e dos “fascistas” de outro lado. Nesses grupos, são facilmente encontradas situações de falta de clareza e honestidade na disseminação dos conteúdos propagados.

Como será abordado, a polarização política se enfeixou em antagonismo entre direita, conservadores, patriotas e a figura de Jair Bolsonaro de um lado, versus esquerda, progressistas, comunistas, petistas e a figura de Lula da Silva de outro. Destarte, com base na análise dos próprios perfis de usuários(as) do *Tinder*, foi possível identificar a grande importância dada ao fenômeno político na escolha, estabelecimento e manutenção de experiências afetivo-sexuais inicialmente mediadas dentro do aplicativo. De igual modo, não seria difícil extrapolar que tal importância possui relevância igual ou maior ao se tratar de um contexto fora da plataforma.

3. "Direita política/conservadores/pró-Bolsonaro/contra PT"

As cores verde e amarelo passaram a ser usadas em contraposição ao vermelho, o que dá o tom do “maniqueísmo” do oposicionismo entre “direita/esquerda”. Como destaca Cesarino (2020), cores e demais elementos estéticos, como a bandeira brasileira, com significantes vazios, são corriqueiramente utilizados em mobilizações populistas como forma de angariar afetos, fazendo com que “a simples visão de uma blusa amarela ou vermelha [seja] capaz de evocar raiva ou indignação” (CESARINO, 2020, p. 115). Cada vez mais os signos estéticos foram sendo associados à uma noção vaga e nada esclarecedora de esquerda e direita e a um conceito menos esclarecedor ainda de um “mal maior”: o comunismo de um lado e os “conservadores cristãos” de outro.

A utilização das cores para demarcar o posicionamento político foi muito observada nas fotos dos perfis coletados. Pudemos perceber como alguns desses elementos estéticos, tais como signos, cores e bandeiras são apropriados e (re)significados, tornando-se símbolos que evocam um



conjunto de significados morais capazes de expressar, comunicar e emitir a outros(as) uma infinidade de mensagens possíveis de codificação naquele contexto específico. Nesse caso, o contexto em que tais elementos estéticos possuem essa capacidade de informar algo de si para o(a) outro(a) diz respeito à uma espécie de maniqueísmo, quase no termo religioso de fato, da política brasileira. Estaria aí a capacidade, como expresso por Cesarino (2020), não só de informar desses elementos estéticos, mas também de evocar, gerar, despertar ou angariar afetos.

Em uma das fotos de perfil, a presença da bandeira nacional ao fundo com a imagem de Bolsonaro sugere que o usuário se encontra em uma aparente manifestação de rua pró-Bolsonaro, provavelmente ainda em período de campanha. Em sua descrição de perfil, consta um texto mais elaborado, que apresenta elementos e características pessoais como ser solteiro e não ter filhos, aparência física, signo e religião, no qual o mesmo afirma ser budista. O usuário também apresenta o anseio por *“casar e formar família”* e, corroborando com a imagem de perfil, afirma ser *“direitista”*. O que mais chama atenção na foto, no entanto, é o fato do usuário estar portando uma bandeira do Brasil Império. Esta, por sua vez, é utilizada hoje por manifestantes de extrema-direita ultranacionalistas e reacionários que partilham de um aparente sentimento de aversão às mudanças políticas, sociais, culturais e econômicas, e um desejo pela volta a um passado histórico, muitas vezes narrado e imaginado como um período de glória da história de uma nação.

Outra foto de perfil e que apresenta a usuária na praia possui um tema utilizando a bandeira nacional e as cores verde e amarelo, referente à campanha de Jair Bolsonaro. O tema apropria-se também de alguns signos da região Nordeste como forma de demonstração generalizada de apoio à Bolsonaro.

Em ambas as imagens, é possível perceber como as cores verde e amarelo e a bandeira nacional são apropriadas pelos(as) manifestantes que se consideram *“direitista”*, *“conservador”* e *“patriota”*. Para aquele(a)s que partilham dos mesmos ideais políticos e conjunto de moralidades dos dois usuários aqui descritos, é possível inferir, como já mencionado, a capacidade desses elementos de despertar um conjunto de sentimentos de identificação, solidariedade, etc.

Em oposição, teríamos os possíveis sentimentos de aversão, raiva e indignação alavancados ao visualizar outras fotos de perfis coletados, cujos elementos estéticos evocam a liberdade de Lula, os signos da foice e martelo e a cor vermelha, em associação a um comunismo imaginado. Igual inferência pode ser feita daqueles(as) que partilham o mesmo conjunto de ideais políticos, morais e afetivos desses últimos. Assim, os elementos simbólicos que constituem as fotos desses(as) usuários(as) seriam igualmente capazes de evocar o conjunto de sentimentos de identificação, solidariedade etc., bem como os possíveis sentimentos de aversão, raiva e indignação alavancados ao



visualizarem as fotos dos(as) usuários(as) com apoio a Bolsonaro.

Outras fotos de perfil que utilizam cores como recursos são aquelas com tema de campanha na parte inferior da foto. Os temas presentes nas fotos tornam a empregar as cores verde e amarelo, algumas com a variação azul e verde, ambas em alusão à apropriação da bandeira nacional e de suas cores como signo estético cujos valores são capazes de expressar e angariar afetos. O uso das cores e da bandeira nacional mescla-se a frases com o slogan oficial da campanha de Jair Bolsonaro, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, ou à explicitação da preferência de voto do(a) usuário(a) nas eleições daquele ano ao utilizarem textos como “*Presidente Bolsonaro 17 - Muda Brasil de verdade*”.

Um usuário do sexo masculino, 37 anos de idade, que afirma “*Independente e busco semelhantes*”, segue apontando que, para o estabelecimento de um relacionamento duradouro e satisfatório, seria preciso, dentre outras coisas, “*valores compartilhados*”. Tais apontamentos não diriam muito, por si só, no que diz respeito ao tema aqui tratado, no entanto, o mesmo usuário segue a descrição de perfil apresentando alguns de seus valores políticos ao informar: “*P.S. De preferência com ideologias de ‘direita’*”.

Uma segunda usuária utiliza uma abordagem um pouco mais direta ao apresentar sua busca por um(a) parceiro(a) com “*valores compartilhados*”. A usuária de 20 anos, “*Promoter e Modelo*”, deixa bem claro ao dizer: “*Sou de direita, pró Bolsonaro, achou ruim? Dislike tá aí pra isso*”. Dessa forma, transmite diretamente aos demais que, caso haja incompatibilidade com seu posicionamento político, o “*Dislike tá aí pra isso*”, evitando uma curtida em seu perfil e também a identificação com perfis de esquerda, por exemplo. O mesmo se dá com outra usuária, de 27 anos, que afirma “*Se você é LULA LIVRE não perca seu tempo comigo*”. Essa usuária não apresenta qualquer outro texto em sua descrição de perfil, tendo como critério inicial o fato de outros usuários serem pró ou contra a liberdade de Lula. É possível inferir que outros critérios pessoais, como a percepção de beleza, atração física e desenvolvimento de vínculos afetivo, podem vir a ser selecionados apenas depois dos possíveis pretendentes passarem pelo filtro político explicitado.

As descrições ajudam a corroborar a ideia de que determinados conjuntos de valores, dentre eles o político, estariam sendo utilizados como critério para o estabelecimento de experiências afetivo-sexuais no aplicativo. Os demais usuários, embora não sejam diretos ao abordarem e apontarem critérios políticos esperados do outro, também trazem em suas descrições os valores ideológicos dos quais partilham, proporcionando com maior facilidade a atração de outros(as) usuários(as) que também buscam “*semelhantes*”. Embora sejam consideravelmente em menor número, algumas das frases encontradas nos perfis coletados cujos usuários(as) apresentam posicionamento político à direita e/ou apoio ao governo Bolsonaro estão reproduzidas abaixo:



“Bolsonaro 2018”;
“Política: Direita/Conservadora”;
“#TchauPT, agora é com o mito!”;
“De preferência com ideologias de “direita””;
Armamentista, anti-marxista e anti-feminista.;
“De direita. Olavo de Carvalho e Italo Marsili”;
“Sou conservador de direita, patriota e católico!”;
“sô 17, sô nordeste, sou Bolsonaro cabra da peste”;
“Se você é LULA LIVRE não perca seu tempo comigo”;
“Sou de direita, pró Bolsonaro, achou ruim? Dislike tá aí pra isso”;
“Se você super valoriza o consumo de bebida alcoólica, fuma maconha ou usa Hashtagantibolsonaro, vá diretinho no X e economize o nosso tempo”;
“Ela é muito engraçada, pena que me ignorou depois que eu disse #elena0” [...] 17 anos, conservadora [...]”.

Esses(as) usuários(as) evocam a pertença a grupos cujas identidades giram em torno de “*direita/conservadora*”, “*conservador de direita, patriota e católico!*”, “*direitista*”. Neste sentido, chama atenção também a relação entre religiosidade e conservadorismo. Segundo analisa Almeida (2019), há uma íntima articulação entre parte do segmento religioso, em especial o evangélico, com um crescente conservadorismo moral e político no debate público nacional e internacional. No Brasil, a relação entre evangélicos e conservadorismo político seria um dos eventos responsáveis por uma crise na política brasileira – a polarização a partir das eleições de 2014 e o *impeachment* de Dilma, em 2016 –, cujo resultado teria sido a eleição de Bolsonaro em 2018 (ALMEIDA, 2019).

Usuários(as) encontrados(as) aqui, além de apontarem como critérios o posicionamento político e outras preferências quanto a(o) outro(a), explicitam também a religiosidade como parte da apresentação de si, seguida do posicionamento político. Uma usuária expõe em sua descrição ser “*cristã*”, seguida da sua profissão (dentista) e, logo abaixo, “*Direita/Conservadora*”. Podemos estabelecer uma possível hierarquização de valores nessa descrição, por mais que esta tenha sido elaborada sem considerar conscientemente esses fatores hierárquicos. Nessa lógica, ser “*cristã*” seria a prerrogativa de maior importância para a usuária, sendo apresentada primeiro, seguida de outros conjuntos de valores - nesse caso, o político. Uma segunda usuária segue o mesmo padrão: inicialmente, afirma ser *cristã* e, já na frase seguinte de sua descrição de perfil, expõe para os demais usuários que se o outro “*usa Hashtag antibolsonaro, vá diretinho no X e economize o nosso tempo*”⁴.

Podemos tomar como exemplo o próprio slogan de campanha de Jair

⁴ *Tags* são palavras-chave (relevantes) ou termos associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita nas plataformas on-line. *Hashtags* são compostas pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha (#), e organizam discussões em torno de tópicos ou eventos específicos.



Bolsonaro, “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”, que é utilizado em algumas fotos de perfis de usuários(as), dos(as) quais trataremos posteriormente. Assim como percebido nos perfis analisados aqui, o próprio *slogan* do governo Bolsonaro também apresentaria não somente uma relação entre cristianismo e conservadorismo de direita, mas a apropriação dessa identificação religiosa pela direita política, bem como a possibilidade de hierarquização de valores: ser cristã(o) primeiro e conservador de direita em seguida.

Teríamos, assim, de forma diretamente expressa, uma mescla entre posicionamento político, religiosidade e outros critérios de escolha para as possibilidades de construção de um vínculo afetivo e sexual. O posicionamento ideológico/político/partidário é apresentado enfaticamente tanto na seleção dos(as) usuários(as) quanto no estabelecimento de possíveis vínculos afetivo-sexuais. De tal modo, apresentar-se como cristã(o) e/ou conservador(a) de direita, favorável ou contrário à candidatura de um Presidente da República evoca um conjunto de moralidades sobre ambos(as)os(as) usuários(as) que refletiria tanto nas possíveis curtidas que irão desferir quanto nas curtidas que receberão.

4. "Esquerda política/progressistas/pró-PT/contra Bolsonaro"

Por outro lado, dentre os(as) usuários(as) que se apresentam como de esquerda política/progressistas/pró-PT/contra Bolsonaro, destaca-se o fato de a grande maioria se identificar como estudante.

Ao apresentar-se como *“estudante de história, bastante nerd e petista safado”*, por exemplo, esse usuário parece equiparar em grau de importância o fato de ser tanto estudante e *nerd* quanto ser petista. De igual modo, outra usuária, estudante de Engenharia Ambiental, de 22 anos, apresenta-se como *“Radiante quanto o sol ahaha, ama cantar e nadar, mãe de pet, gorda, viciada em jogos, comunista, sincera, romântica, companheira, bi e escorpiana”*. Essa usuária se identifica como “comunista” ao mesmo passo em que apresenta, na mesma frase, gostos pessoais, características físicas e interpessoais. Ambos indicam a relevância de expor não somente elementos pessoais que julgam importantes em si para que o outro saiba no ato de curtir ou não seu perfil, como também o posicionamento político-ideológico em meio às características que constituem parte de quem são.

Outros(as) usuários(as) reforçam de forma mais explícita a ideia de que certos valores, dentre eles o político, estariam sendo utilizados como critério para o estabelecimento de experiências afetivo-sexuais no aplicativo. É o caso do estudante de antropologia de 25 anos que, por meio do uso de uma *hashtag*, afirma possuir *“#0pacienciaparabozominio”*. Já outra usuária, de 19 anos, expõe: *“Estudo biologia e sou apaixonada por todas as formas de*



*vida, menos a de bolsominions*⁵. Por outro lado, haveria uma abertura quase espontânea para aquele(a)s que partilham dos mesmos posicionamentos e voto, como é expresso por uma usuária ao afirmar que “*se votou no Haddad pode beijar à vontade*”. Nesse sentido, vemos aqui o mesmo que o apresentado anteriormente, quando alguns usuários afirmam buscar “*semelhantes*” e/ou “*valores compartilhados*”, nos quais muitas dessas semelhanças e valores são referentes ao posicionamento político-ideológico.

Alguns(as) outros(as) usuários(as) possuem descrições de perfil com frases como “*Somos milhões de Lula*”, “*O povo quer Lula Livre*”, “*Dilmista e Lulista*”. Outros(as), por sua vez, possuem elementos referentes ao ex-presidente Lula em fotos de perfil, como usuários(as) com camisetas com foto de Lula e/ou os dizeres “*Lula Livre*”, com o rosto coberto por uma foto do ex-presidente ou estando ao lado de um quadro de madeira com sua gravura. Entre estes(as) usuários(as), são priorizadas características de si como profissão e gostos pessoais, como praia, natureza, viagens, trilhas, leitura, cinema, cultura, meditação, yoga, bordado, músicas, arte, pôr do sol, bicicleta, fotografia, dentre outras coisas, “*falar mal de Bolsonaro*”, utilizando, ainda, frases de efeito, poemas e signo para definir traços da personalidade.

De igual modo, os usuários(as) aqui também utilizam temas de campanha com frases e slogans na parte inferior da foto em apoio ao Haddad, a Lula e ao PT. Também é possível perceber o uso de signos estéticos com valores simbólicos empregados para expressar e angariar afetos, como a utilização de cores, a sigla e o emblema de estrela do Partido dos Trabalhadores.

O uso das cores, do nome do candidato Haddad e/ou da sigla do Partido dos Trabalhadores, mescla-se com frases em apoio à candidatura do petista como “*Presidente Haddad e vice Manuela 13*”, que expressam a preferência de voto do(a) usuário(a) nas eleições daquele ano. Foram utilizadas frases que proclamavam a certeza da vitória do candidato petista, como é o caso do trocadilho com o nome de Haddad e a sigla do partido “*Melhor já ir se HaddaPTando*”, que é também um contraponto à frase bolsonarista: “*Melhor Jair se acostumando*”, que faz o trocadilho com o nome de Jair Bolsonaro e que encheu as redes, embora não tenha aparecido em nenhum dos perfis coletados.

Durante as campanhas eleitorais, diversos indivíduos e grupos se uniram como forma de oposição ou apoio à candidatura de Jair Bolsonaro em torno de “*espaços de afinidade*” (LANKSHEAR et. al., 2015). Um dos grupos que ganhou grande expressividade e de forma muito rápida foi a página de

⁵ A palavra “*minion*” significa “*servo*”, “*ajudante*”, “*auxiliar*” ou “*favorito*”, em inglês. O termo *minion* se tornou muito popular depois do sucesso do filme animado “*Meu Malvado Favorito*” (2010), produzido pela Illumination Entertainment e Universal Studios. *Minions* são pequenas criaturas amarelas, fiéis escudeiras do protagonista vilão Gru, e trabalham voluntariamente como colaboradores dos objetivos de Gru. Já “*bolsominions*” é um trocadilho com o nome de Bolsonaro e o termo *minion*, designando aqueles que trabalham voluntariamente em prol do Bolsonaro, seja em ações ou campanhas pró-Bolsonaro, seja produzindo ou disseminando notícias sobre o candidato ou contra opositores. Seriam um “*exército*” leal de apoiadores prontos a encampar batalhas e ataques de todos os gêneros contra qualquer um que ouse questionar o “*Mito*” (NEMER, 2018).



Facebook “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”, criada em agosto de 2018. O grupo é fechado e destina-se exclusivamente às mulheres cis, transexuais e travestis, contando, atualmente, com mais de dois milhões e quatrocentos mil membros.

Criada como forma de organização dessas mulheres, a página se destina à discussão e ao combate de ideais considerados retrógrados e preconceituosos disseminados por Bolsonaro, cujo discurso se volta contra minorias sociais, mulheres, negros, LGBTQIA+ e outros. Posteriormente, o nome do grupo foi alterado para “Mulheres Unidas Com o Brasil”, e visa a união de mulheres brasileiras contra o avanço e fortalecimento do machismo, misoginia, racismo, homofobia e outros tipos de preconceitos. O coletivo “Mulheres unidas contra Bolsonaro” também foi responsável por várias manifestações durante o período de primeiro turno, reunindo centenas de milhares de pessoas, a maior manifestação de mulheres na história do Brasil (OLIVEIRA, 2018; PAULINO; PAULINO, 2019; RIZZOTO *et al.*, 2019; ROSSI, 2018).

Esses coletivos também foram os grandes impulsionadores da *hashtag* “#EleNão” nas redes sociais digitais, que contou com o apoio de inúmeras artistas que ajudaram a alavancar a campanha e que se refletem nos perfis aqui coletados. Dos perfis coletados com a *tag* “EleNão”, 117 são de usuárias do sexo feminino, 48 de usuários do sexo masculino, 02 de casal e 01 sem gênero. As idades dos(as) usuários(as) é de 19 a 37 anos. Os textos das descrições de perfil dos(as) usuários(as) com a *hashtag* apresentam-se relativamente elaborados e exibem elementos como idade, signo, gostos musicais, prática de atividades físicas, filmes e séries, praia etc., “e por último e não menos importante: EleNão”. Os perfis desse subgrupo apresentam, em sua grande maioria, textos sobre si e gostos pessoais, bem como ativismo político, representado por uma grande parcela de usuárias que estampam serem feministas em suas descrições.

Além de elementos pessoais como características e gostos de cada usuário(a), um dos critérios aparentes para curtirem ou serem curtidos no aplicativo está contido na utilização da *hashtag* “#EleNão”. Algumas das variações da *hashtag* “antiBolsonaro” encontradas nos perfis são: “#bolsonaronão, #elenunca, #elejamais, #elenemfodendo, #elenemcapeste, #bolsolixonão, #foraboço”. A presença dessas mulheres nas redes em torno de uma pauta comum, como a expressa com #EleNão, expõe um imaginário social em torno da representação de gênero no cenário político, em uma tentativa de levá-las a um patamar de visibilidade sócio-política. Essa visibilidade permite que

(...) sejam tratadas e pensadas em uma posição de participação, fala, mobilização, presença, valorização e igualdade no campo político. #EleNão significa que as mulheres falaram e se manifestam em um momento político importante do país. (SCHWENGBER; PINHEIRO, 2020, p. 10).

Outros(as) usuários(as) alocados(as) nessa categoria apresentam,



além de características pessoais e gostos em geral, algum tipo de “crítica” à Bolsonaro e ao governo. É o caso de uma usuária que afirma estar “*mais perdida*” - seja no uso do aplicativo, na busca por um par afetivo-sexual, ou “na vida” de forma genérica transcendental - do que “*o Bolsonaro na presidência*”. A usuária aproveita-se de um recurso linguístico para associar a desorientação pessoal com a desorientação do presidente eleito e a sua forma de gerir a coisa pública.

Outros tipos de associação entre características ou gostos pessoais de oposição ao governo Bolsonaro vêm com exemplos como o de uma usuária, estudante de 21 anos, ao afirmar que “*adora comida e odeia o presidente*”; outra estudante de 26 anos que diz “posso n ser bonita, mas pelo menos n votei no bozo”; ou mesmo uma outra usuária de 37 anos, também estudante, que afirma gostar de “*ver o Sol, caminhar na praia, falar mal do Biroliro e afins...*”⁶. Um usuário de 27 anos do sexo masculino e estudante, questiona o rótulo dado pelos eleitores de Bolsonaro ao afirmar em sua descrição de perfil que “*Mito é mainha que criou um filho sozinha, o resto é conversa*”. Embora as críticas a Bolsonaro e ao seu governo deem informações relativamente suficientes a outros(as), no aplicativo, esses(as) usuários(as) enfatizam suas características pessoais, gostos e hobbies, que também são destacados como forma de construção da imagem para apresentação de si.

Críticas a eleitores do Bolsonaro também enfeixaram parte dos perfis encontrados durante a coleta de dados para a pesquisa. O nome “bolsominion” foi um dos que mais se destacaram como forma de se referir aos eleitores de Jair Bolsonaro.

Do mesmo modo, muitos(as) usuários(as) do aplicativo *Tinder*, destacando-se mais uma vez o maior número de usuárias do sexo feminino, foram encontrados(as) utilizando a expressão “bolsominion” para se referir e demonstrar a recusa por outros(as) usuários(as) que seriam eleitores(as) de Bolsonaro. Os perfis que apresentam textos como “bolsominion nem de like”, “votou no 17 passa direto”, “minions não, por gentileza” ou qualquer outra menção que se refira a usuários(as) que tenham votado em Bolsonaro são alguns desses exemplos. Muitos dos perfis aqui alocados possuem descrições de perfis mais longas e elaboradas, que apresentam características de si e gostos pessoais, sendo a recusa por eleitores do Bolsonaro a recorrência discursiva mais explícita indicada e comum a todos(as) como critério para seleção do outro. Algumas das frases encontradas nos perfis coletados e que expressam abertamente essa recusa apoiadores de Jair Bolsonaro veem reproduzidas abaixo:

“Bolsominionfóbica”;
“Bolsominion apertem X”;
“Minions e militares, fiquem longe, obrigada”;

⁶ Bozo, Biroliro, Bolsolixo, Bostonaro etc. são alguns dos pronomes pejorativos atribuídos ao presidente Jair Bolsonaro.



“Minha boca jamais tocará a de um Bolsominion”;
“Só quero flertar but, sem match se vc for bolsominion”;
“Defende Bolsonaro? X. Brasil acima de tudo, conservadora? X”;
“Sem tempo para bolsomarista, irmão”;
“Se votou em Bolsonaro nem perde teu tempo”;
“Não encostarás tua boca militante na de um bolsominion’... Ou seja, não percam seu tempo!”;
“Eleitores do Bolsonaro, como tempo é precioso, desde já lhes digo que há uma incompatibilidade inegociável Entre nós”;
“Bolsominions, se preservem, pois, a eleição acabou, mas o ranço por vocês não”;
“Eleitor e defensor do 17 (respeito opiniões divergentes, não aceito quem tenta depreciar as minhas”;
“Bolsominions façam a gentileza de passar a diante, seu ódio e seu preconceito aqui não são bem vindos!”

Compartilhar da desaprovação a Bolsonaro é um elemento significativo para esse grupo de usuários(as), da mesma forma que a busca por semelhantes que possuem “*valores compartilhados*”, como exposto por outro usuário apresentado anteriormente. Os valores compartilhados, nesses termos, seriam não ter votado em Bolsonaro, segundo expressa uma usuária ao afirmar “*que deseja uma distância enorme de quem votou no presidente atual do nosso país cujo nome é Bolsonaro*”; e outra que diz: “*se tu não votou nele já conseguiremos manter uma conversa sadia*”; bem como uma terceira usuária ao sugerir que “*se tu gostar de conversar, teu papo for bom e não tiver votado 17 a amizade já é garantida*”.

Alguns(as) percebem a relação com esses(as) outros(as)usuários(as) como uma perda de tempo que deve ser evitada. A necessidade de economia de tempo ao tentar investir em uma relação seria um dos motivos que teriam levado esses(as) usuários(as) a descreverem em seus perfis a recusa quanto aos “*bolsominions*”. De igual forma, reconhecem que é “*muito bom qdo vcs [outros(as) usuários] colocam a foto com a propagando do Bozo, assim eu não perco tempo dando like*”. Para esses(as) usuários(as), o tempo empregado no estabelecimento da relação com o outro parece ser tratado como um investimento. Investe-se e dedica-se tempo na construção de um relacionamento com a outra pessoa na tentativa de realização de experiências afetivo-sexuais. Nesse sentido, espera-se o retorno de uma relação considerada saudável, com pessoas que “*chegue[m] pra agregar coisas boas*”, no entanto, esse investimento parece não render os resultados desejados caso se descubra estar diante de um eleitor do candidato adversário. Para poupar a frustração de um investimento mal sucedido, opta-se pela prevenção do risco, deixando explícito na descrição de perfil que não é desejado perder tempo com uma pessoa que tenha votado em Bolsonaro.

Outros(as) usuários(as) parecem tentar justificar os motivos pelos quais pretendem manter essas distâncias de eleitores(as) de Bolsonaro. Para esses(as) usuários(as), os “*bolsominions*”, ou ao menos aqueles que ainda permanecem apoiando Bolsonaro, partilhariam os mesmos conjuntos de valores de “*ódio e preconceito*” disseminados por aqueles que fazem parte de seu governo,



considerados por um dos usuários como “preconceituosos, nazistas, fascistas, racistas”. Esse conjunto de valores atribuídos aos eleitores(as) usuários(as) do *Tinder* faz com que haja “*uma incompatibilidade inegociável*” entre os(as) usuários(as) pró e contra Bolsonaro. Portanto, seus apoiadores “*não são bem vindos*”, sendo mais fácil que ambos não “percam seu tempo” um com o outro. Os sentimentos de aversão enfeixados por uma polarização política acirrada impediriam, nesses termos, qualquer possibilidade de diálogo sadio entre usuários(as), visto que, para eles, o grupo de eleitores de Bolsonaro compactuaria com uma depreciação de opiniões divergentes praticada ao longo do período eleitoral. Restaria, portanto, apenas o “ranço” de uns pelos outros.

5. Considerações

Esse trabalho é o resultado parcial de uma pesquisa em desenvolvida para a realização da dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. A pesquisa buscou, com a observação, coleta e mapeamento dos dados de perfis de usuários(as) habituais do aplicativo *Tinder* na cidade de João Pessoa – PB, no período de abril a dezembro de 2019, apresentar as recorrências discursivas desses(as) usuários(as) como forma de construção de uma imagem de si e os critérios para seleção do outro. Com base nisso, observamos uma grande quantidade de perfis que se utilizaram de imagens, cores, frases, slogans e textos para expressar o posicionamento político, bem como a recusa por usuários(as) de posicionamento político contrário.

A busca por semelhanças e por pessoas com valores compartilhados, nesse sentido, estende-se para além dos corriqueiros elementos de observação nesses tipos de ambientes virtuais, como aparência e status socioeconômico, por exemplo, passando a ser adicionado um novo elemento ao escopo de critérios que permitam a decisão do *like*. Assim, identificar-se com posicionamentos ideológicos de direita e seus signos de pertença (como ser conservador e patriota) ou sendo de esquerda (comunista, petista, afirmar que o impeachment de Dilma foi golpe, usar *hashtag* favorável à liberdade ou condenação de Lula, ou dizendo #elesim ou #elenão etc.) são ações que evocam sentimentos de pertença a esses grupos e que são capazes de gerar identificação ou repulsa do outro. Em muitos casos, essa identificação política vem mesclada a outras características e gostos pessoais, o que pode ser encarado como elemento central para a definição do eu desses sujeitos. Ou seja, estes indicam a relevância de expor a identificação política-ideológica em meio a outras características físicas, *hobbies*, profissão etc., como forma de indicar que ambos fazem igualmente parte de quem são.

Além da predominância dos perfis de mulheres, houve também uma



grande prevalência de sujeitos que compartilham de valores políticos, ideológicos e morais progressistas e de esquerda. Embora o objeto inicial de sentimentos de aversão e ódio tenha sido direcionado a grupos e partidos de esquerda, isso demonstra que essas pessoas também estão imbuídas dos sentimentos direcionados a grupos e pessoas de direita. Os perfis observados reproduziam um discurso dicotômico de nós contra eles, de direita versus esquerda, de Bolsonaro contra Lula etc. Como fora possível perceber com as imagens e descrições de perfis de usuários do aplicativo *Tinder* no período de coleta dos dados, o elemento político está explicitamente presente como critério para seleção do outro e para o estabelecimento de uma relação ou experiência afetivo-sexual. Assim, como exposto até aqui, tentamos defender a hipótese de que esse fenômeno se deu devido à construção de um cenário de grande polarização político-ideológico pelo qual passamos nos últimos anos. Essas experiências de polarização política, ideológica e partidária entranhadas no debate público teriam extrapolado para a vida privada, alcançando até mesmo os discursos afetivos e espaços destinados à busca de experiências afetivo-sexuais.

Para as pessoas de direita, a esquerda, PT, progressistas e feministas seriam os grandes responsáveis pela quebra de valores familiares, cristãos e tradicionais, pela perversidade, pelo mal e depravação e, portanto, devem ser combatidos e extirpados da existência, mesmo que à base de “*uma porrada inesquecível*”, como profere Olavo de Carvalho. Do lado oposto, aqueles de direita, conservadores, reacionários e fascistas seriam os responsáveis pelo enfraquecimento e quebra das instituições democráticas. A revolta e a indignação proporcionadas pelo discurso de Golpe de Estado orquestrado para a remoção da então presidenta, além dos retrocessos em conquistas de direitos sociais pelo projeto de destruição e morte elaborado pelo governo Bolsonaro, também inflamam os ânimos e incitam o sentimento de ódio. Assim, vemos que esse quadro proporcionou a ampliação da polarização política no país e permitiu que os sentimentos de desconfiança, aversão, medo e ódio tomassem conta do imaginário e do repertório emotivo da população em geral.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Raquel. Fake News: arma potente na batalha de narrativas das eleições 2018. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 70, n. 2, p. 9-12, abr.-jun., 2018.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro Presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos**: CEBRAP, São Paulo, v. 38, n. 01, p. 185-213, abr. 2019.

ALONSO, Ângela Maria. A política nas ruas: protestos em São Paulo de Dilma



a Temer. **Novos Estudos**: CEBRAP, São Paulo, ed. Especial, p. 49-58, jun. 2017.

BELELI, Iara. Reconfigurações da Intimidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 337-346, jan.-abr. 2017.

BERNARDO, Aristides Ariel. "**Deslize pro lado contrário da tua orientação política**": emoções e polarização político-ideológica nas experiências afetivo-sexuais mediadas pelo aplicativo Tinder. 2021, 220 f.: il. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

CAVALCANTI, Hellen Taynan da Silva. **Deu Match! As trocas nos relacionamentos virtuais e a objetificação do sujeito no Tinder**. 2017. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

CAVALCANTE DOS SANTOS, Sheila. **Curtir ou Não Curtir: Experimentações a partir do Tinder**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Revista Internet e Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 91-120, fev. 2020.

DIAS, Fernando Nogueira. O medo enquanto emoção social: contributos para uma sociologia das emoções. **Fórum Sociológico**, n.15/16, p.295-313, 2006.

ELIAS, NORBERT. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FIRMINO, Gustavo Cassanta. Conservadorismo liberal e classes médias: uma análise do "Vem Pra Rua" e do "Movimento Brasil Livre". In: X Seminário do Trabalho: trabalho, crise e políticas sociais na América Latina, 2016, Marília-SP. **Anais eletrônicos do X Seminário do Trabalho**: trabalho, crise e políticas sociais na América Latina. Marília-SP: UNESP, p. 1-17, 2016.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LANKSHEAR, Colin; *et. al.* Pesquisa de práticas na Internet. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (orgs). **Teoria e método de pesquisa social**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 202-211, 2015.

LORENTE, José Antonio (Org.). **A Era da Pós-Verdade**: realidade versus percepção. Cambuci - SP: Matavelli Gráfica e Editora, 2017.



MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova**, São Paulo, n. 91, p. 269-295, 2014.

_____. Sociologia Digital: Notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**, Salvador, v. 6, n. 2 p. 275-297 jul.-dez. 2016.

MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/499414607198716/>. Acesso em: 24 abr. 2020.

NEMER, David. The three types of WhatsApp users getting Brazil's Jair Bolsonaro elected. **The Guardian**, 25 out 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/oct/25/brazil-president-jair-bolsonaro-whatsapp-fake-news>. Acesso em: 28 abr. 2020.

OLIVEIRA, Joana. Um milhão de mulheres contra Bolsonaro: a rejeição toma forma nas redes. **El País**, São Paulo, 12 set. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/actualidad/1536768048_321164.html. Acesso em: 14 mai. 2020.

PAULINO, Simone Campos; PAULINO, Silvia Campos. #EleNão: reflexões sobre ciberativismo feminista no Brasil nas eleições presidenciais de 2018. **Revista Acadêmica Magistro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19, 2019.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIZZOTO; et. al. #EleNão - conversa política em rede e trama discursiva do movimento contra Bolsonaro no *Twitter*. In: XXVIII Encontro Anual da Compós, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019, Porto Alegre. Anais da Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, p. 1-25, 2019.

ROCHA, Camila. "Imposto é Roubo!": A formação de um contra público ultraliberal e os protestos pró-impeachment de Dilma Rousseff. **DADOS**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 3, p. 1-42, 2019.

ROSSI, Amanda; et. al. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. **BBC News Brasil**, 30 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 14 mai. 2020.

RUEDIGER, Marco Aurélio; GRASSI, Amaro (orgs). **Desinformação na era digital**: ampliações e panorama das eleições 2018. Rio de Janeiro: FGV



DAPP, 2018.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione; PINHEIRO, Naira Leticia Giongo Mendes. Movimento #EleNão: reconhecimento e afirmação do ato de fala das mulheres na política. **Revista do centro de educação da UFSM**, Santa Maria, v. 45, 2020.

SILVA JÚNIOR, Nelson Aleixo da. Junho 2013: a juventude nas ruas pra balançar as estruturas. In: SOUSA, Cidoval Moraes de; SOUZA, Arão de Azevedo (orgs). **Jornadas de Junho: Repercussões e Leituras** [Livro eletrônico]. Campina Grande: EDUEPB, p. 98-106, 2013.

SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofélia Elisa Torres. A cobertura do “Vem Pra Rua” pelas revistas nacionais em 2013: uma análise das capas. **Revista de estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 17, n. 42, p. 23-41, jan.-abr., 2016.

SOUSA, Cidoval Moraes de; SOUZA, Arão de Azevedo (orgs). **Jornadas de Junho: Repercussões e Leituras** [Livro eletrônico]. Campina Grande: EDUEPB, p. 54-61, 2013.

Como citar este artigo:

BERNADO, Aristides Ariel. A política como (mais um) critério para o estabelecimento de experiências afetivos-sexuais mediadas pelo aplicativo Tinder. **Áskesis**, São Carlos - SP, v 9. n.2, p. 95-116, jul./dez., 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9220.604>

Data de submissão do artigo: 18/11/2020

Data da decisão editorial: 12/07/2021